



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PSICOLOGIA

VINÍCIUS MARQUES FERREIRA

**ANÁLISE MOLAR NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: UM PASSO
A PASSO**

São Luís, MA

2022

VINÍCIUS MARQUES FERREIRA

**ANÁLISE MOLAR NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: UM PASSO
A PASSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção de nota no componente Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa

São Luís, MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Vinícius.

Análise Molar na Terapia Analítico-comportamental: Um passo a passo / Vinícius Ferreira. - 2022.

35 f.

Orientador(a): Nazaré Costa.

Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Análise de contingências. 2. Análise molar. 3. Análise molecular. 4. Sistematização. 5. Terapia analítico-comportamental. I. Costa, Nazaré. II. Título.

Aprovada em: 01 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa
(Orientadora) Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª Catarina Malcher Teixeira (Banca
Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Me. Juliana Benigno Moreira (Banca
Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Nadia Prazeres Pinheiro Carozzo (Suplente)
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Na clínica analítico-comportamental, a análise de contingências em nível molecular é uma importante ferramenta para o terapeuta; no entanto, não lhe possibilita investigar como certas contingências passaram a exercer controle, permitindo apenas uma compreensão acerca daquelas que operam atualmente. Considerando que uma análise molar complementa a molecular e possibilita uma análise mais completa do comportamento, o presente trabalho teve como foco o ensino de uma forma de elaborar análise molar e, como objetivo geral, contribuir para a sistematização da prática clínica analítico-comportamental, atendendo à necessidade de um sistema mais amplo de análise. O estudo partiu de um levantamento e análise de produções brasileiras dos últimos 5 anos a respeito da análise molar na clínica analítico-comportamental e os resultados evidenciaram que a análise molar tem sido abordada de maneiras variadas, não sendo o foco das obras encontradas. Após a análise da literatura, foi elaborado um passo a passo para a construção de análise molar, partindo de um caso clínico atendido pelo primeiro autor. Espera-se que a sistematização apresentada auxilie terapeutas analítico-comportamentais na compreensão mais ampla da história de vida do cliente, permitindo intervenções mais eficazes e comprometidas com os princípios da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: análise molar; terapia analítico-comportamental; análise molecular; análise de contingências; sistematização.

ABSTRACT

In the behavioral-analytic clinic, the analysis of contingencies at the molecular level is an important tool for the therapist; however, it does not allow to investigate how certain contingencies came to exercise control, allowing only an understanding of those that currently operate. Considering that a molar analysis complements the molecular one and allows a more complete analysis of behavior, the present work focused on teaching a way of elaborating molar analysis and, as a general objective, to contribute to the systematization of behavioral-analytic clinical practice, taking into account the need for a broader system of analysis. The study started from a survey and analysis of Brazilian productions of the last 5 years regarding molar analysis in the behavioral-analytic clinic and the results showed that molar analysis has been approached in different ways, not being the focus of the works found. After analyzing the literature, a step-by-step process was developed for the construction of a molar analysis, starting from a clinical case seen by the first author. It is hoped that the systematization presented will help behavior-analytic therapists in a broader understanding of the client's life history, allowing for more effective interventions and committed to the principles of Behavior Analysis.

Keywords: molar analysis; behavior-analytic therapy; molecular analysis; analysis of contingencies; systematization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MÉTODO	15
2.1	Caracterização da pesquisa	15
2.2	Amostra e materiais	15
2.3	Procedimento	19
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
3.1	A análise molar na literatura brasileira	20
3.2	Análise molar: elementos e passo a passo	23
3.2.1	Elementos a serem inseridos	23
3.2.2	Passo a passo da elaboração da análise molar	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A Terapia Analítico-comportamental (TAC), nomenclatura exclusivamente brasileira que tem como base o Behaviorismo Radical e a Análise do Comportamento Skinneriana (LEONARDI, 2015), parte do pressuposto de que a explicação do comportamento depende de variáveis que se encontram fora do organismo, em oposição a outras práticas clínicas que buscam essa explicação em estados interiores (SKINNER, 1993/2003a). Para realizar essa análise, Skinner (1993/2003b) propôs como ferramenta de todo analista do comportamento a análise funcional que, na forma de tríplice, possibilita identificar quais eventos evocam determinadas respostas, além das consequências que as mantêm.

As variáveis controladoras de um comportamento podem ser exploradas por meio de dois sistemas diferentes: análise molecular e análise molar (NERY; FONSECA, 2018). O sistema molecular consiste na análise de respostas específicas em contextos específicos, quase exclusivamente, através da contingência tríplice (NERY; FONSECA, 2018), a qual tem a temporalidade enquanto princípio que rege a interdependência entre seus eventos, isto é, antecedentes, respostas e consequências; portanto, os estímulos são contíguos às respostas e as consequências devem ser produzidas imediatamente por elas (BAUM, 2004).

No contexto clínico, a análise de contingências¹ (molecular) é utilizada para verificar quais variáveis ambientais operam sobre os comportamentos do cliente em seu contexto atual, bem como as que tiveram papel significativo na instalação e manutenção de comportamentos-problema (MEYER, 1997). As fontes utilizadas pelo terapeuta para elaborar análises de contingências moleculares são o relato verbal e os comportamentos não verbais e públicos do cliente durante a sessão (NERY; FONSECA, 2018). De acordo com as mesmas autoras, essas análises guiarão o processo de intervenção, além de contribuírem para a promoção de autoconhecimento, ampliação e modificação do repertório comportamental.

Apesar de ser um recurso essencial para o clínico, a análise de contingências não lhe possibilita investigar como certas contingências passaram a exercer controle, permitindo apenas uma compreensão acerca daquelas que operam atualmente (MARÇAL, 2005). A fim de proporcionar uma análise mais completa das variáveis que estão para além da análise molecular, alguns comportamentalistas propuseram diferentes sistemas que foram

¹ Nery e Fonseca (2018), assim como outros autores, utilizam a expressão “análise funcional”. Na literatura, a análise funcional é comumente associada ao contexto experimental, enquanto a análise de contingências é apontada como um trabalho realizado no contexto de terapia (MEYER *et al.*, 2010). Por esse motivo, no presente trabalho, optou-se pela utilização deste último em detrimento do primeiro.

denominados de análises molares por analisarem o comportamento como fenômeno estendido no tempo (SIMONASSI; CARDOSO, 2012). Esses sistemas serão brevemente apresentados a seguir.

O Behaviorismo Molar de William M. Baum defende a perspectiva molar do comportamento, propondo a análise de padrões de comportamento agregados e estendidos no tempo (BAUM, 2002). Em oposição à visão molecular que compreende o comportamento como eventos discretos unidos entre si pela lei da contiguidade, Baum (2002) propõe que o comportamento envolve padrões de ação que duram por certos períodos de tempo, isto é, atividades. Para o autor, os comportamentos não são separadamente reforçados; assim, o reforço é estendido sobre as atividades (dar braçadas, bater as pernas, girar a cabeça), agindo sobre elas como um todo (nadar).

De acordo com o Behaviorismo Teleológico de Howard Rachlin, a partir de uma abordagem semelhante à de Baum, os determinantes do comportamento estão estendidos no tempo e possuem relação com um ambiente mais amplo, o qual se trata tanto do contexto social quanto temporal do organismo (RACHLIN, 2013). Segundo Rachlin (2013), diferentemente da visão skinneriana que define a contiguidade entre variáveis como relação necessária para a mudança comportamental, o Behaviorismo Teleológico defende que essa mudança decorre da correlação entre variáveis. Além disso, os comportamentos não estariam sob controle somente de consequências imediatas, mas também daquelas de caráter mais remoto, ou seja, de médio e longo prazo (LAZZERI, 2013).

Considerando o contexto clínico, Costa e Marinho (2002) apresentaram um modelo de análise de contingências que, aparentemente, pretende abarcar questões amplas, como a história de vida. As autoras descrevem um estudo de caso e, a partir da tríplice contingência, analisaram a resposta de “emitir opiniões, sugestões, comentários (assertividade)”, que seria controlada pelos modelos da mãe e do pai, os quais eram: passividade, inadequação em resolver com conflitos e comportamento crítico, respectivamente. Esses modelos são descritos como estímulos antecedentes na análise das autoras. Entretanto, de acordo com Meyer (2003) e Costa e Leonardi (2020), a história de vida não deve ser confundida com um evento antecedente, visto que ela não é ocasião para a emissão de uma resposta.

Marçal, em 2005, ressaltou a importância da análise molar – feita a partir da coleta de informações como padrões comportamentais e contingências atuais – para a compreensão mais completa acerca das condições de vida de um indivíduo. Os dados coletados são

inseridos em uma tabela de acordo com os eventos históricos que favoreceram o padrão comportamental de interesse (por exemplo, pais exigentes e agressivos; regra: “honre pai e mãe”), suas condições atuais mantenedoras (familiares agressivos e com baixa tolerância à frustração), padrões comportamentais (passividade), contextos em que ocorrem (contexto familiar), quando é funcional (manutenção de relacionamentos, reconhecimento por seguir regras e atender a demandas), e quando não é funcional (investimento excessivo em demandas de terceiros).

Apresentada por Marçal e Dutra em 2010, a Terapia Molar e de Autoconhecimento (TMA)² é uma intervenção clínica comportamental – provavelmente influenciada pela proposição de análise molar descrita em 2005 – que tem a promoção de autoconhecimento como objetivo principal, o que pode ser proporcionado por análises amplas elaboradas a partir de variáveis históricas e atuais (MARÇAL; DUTRA, 2010 apud COSTA, 2011). Partindo dessa proposta, o terapeuta realiza análises molares, identificando a generalidade de variáveis que operam na história de vida do cliente, organizando-as em colunas que especificam padrões comportamentais, consequências reforçadoras, e as de extinção e punição (MARÇAL; DUTRA, 2010 apud COSTA, 2011).

Algumas produções que se dedicam a discutir casos clínicos apresentam análises molares, tais como Meyer (2011) que elaborou análises molares dos padrões comportamentais de “sentimento de baixa autoestima” e “perfeccionismo”; Fonseca (2012) que realizou uma análise molar do padrão comportamental mentiroso e Bernardo (2015) que construiu análises molares de padrões comportamentais de ansiedade e déficit de habilidades sociais.

A análise molar que envolve o estudo da relação entre eventos históricos e os padrões comportamentais atuais tem como base as análises moleculares (NERY; FONSECA, 2018). Não obstante diferentes, os sistemas de análise molecular e molar não são incompatíveis entre si, mas complementares e, desse modo, o comportamento pode ser analisado de forma mais completa (GIMENES, 2016).

Uma ferramenta recente que integra as análises molar (visto que promove a compreensão do repertório comportamental em sua totalidade) e molecular (por explicar a relação direta e proximal entre repertórios) foi proposta por Neves Filho *et al.* (2018). Essa

² Não há publicações com autoria de Marçal e Dutra sobre sua Terapia Molar e de Autoconhecimento (TMA). Até o momento, apenas o artigo de Costa (2011) descreve o modelo psicoterápico em questão a partir das informações que obteve em um minicurso ministrado pelos proponentes da TMA em 2010.

ferramenta é construída em forma de esquema e é chamada de árvore de comportamentos, a qual permite o mapeamento do repertório comportamental e leva em consideração aspectos como variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Além disso, essa ferramenta utiliza de repertórios já instalados para criar condições para o aprendizado de novos repertórios e produzir criatividade. Os autores ressaltam que a perspectiva molar sempre esteve presente na Análise do Comportamento, o que pode ser observado em conceitos – a saber, repertório comportamental e história de aprendizagem – que tratam de fenômenos estendidos no tempo.

Partindo de alguns estudos recentes no contexto da TAC (ALVES; COSTA, 2022; TOSCANO; MACCHIONE; LEONARDI, 2019; COSTA; LEONARDI, 2020), observa-se que não há consenso acerca de como elaborar uma análise de contingências na clínica e que erros conceituais são cometidos, como considerar história de vida como antecedente, conforme já comentado. De acordo com Ulian (2007), alguns problemas conceituais são consequência da escassez de pesquisas, o que denuncia a pouca sistematização da prática clínica.

Uma iniciativa importante no sentido de promover sistematização foi a fundação recente da REDETAC, a qual é uma rede de colaboração interinstitucional para a pesquisa, desenvolvimento e produção de evidências para a TAC (REDETAC, 2018) que vem produzindo diferentes estudos com este objetivo. Um trabalho atual que pode ser incluído como parte do esforço de sistematizar a TAC foi realizado por Costa e Leonardi (2020), que se propuseram a ensinar análises de contingências, explicitando os aspectos teóricos básicos nos quais as análises devem se pautar, assim como os elementos constitutivos e como elaborá-las.

De forma semelhante, o presente trabalho foca no ensino de uma forma de elaborar uma análise que complementa a análise de contingências na clínica: a análise molar, tendo em vista a necessidade de sistematização da prática clínica brasileira fundamentada na Análise do Comportamento (ALVES; COSTA, 2022; cf. LEONARDI, 2016). Dessa forma, objetiva-se contribuir para a sistematização da prática clínica analítico-comportamental e atender à necessidade de um sistema mais amplo de análise.

2 MÉTODO

2.1 Caracterização da pesquisa

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, aplicada e descritiva, visto que busca promover a compreensão e descrição de um fato – neste caso, de uma ferramenta

de análise – e objetiva gerar conhecimento à aplicação prática (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

2.2 Amostra e Materiais

O presente trabalho utilizou materiais de naturezas distintas:

- a) Artigos de revistas de Análise do Comportamento, capítulos de livros disponíveis *online*, monografias, dissertações e teses sobre análise molar na prática clínica comportamental brasileira, publicados nos últimos cinco anos, tendo como descritores: terapia analítico-comportamental; TAC; clínica comportamental; clínica analítico-comportamental e análise molar, em qualquer parte do texto. Visto que no Brasil existem diferentes terminologias que se referem à prática clínica fundamentada na Análise do Comportamento (COSTA, 2011), foi considerado pertinente investigar o material dessas outras literaturas, para além da TAC.
- b) Um caso clínico conduzido pelo autor, durante o estágio específico em clínica analítico-comportamental sob supervisão da orientadora deste estudo. A cliente assinou o Termo de Consentimento no início do estágio, autorizando a divulgação do seu processo psicoterápico em trabalhos acadêmicos e eventos científicos, preservando-se o sigilo sobre sua identidade, de seus familiares e outras pessoas envolvidas. O caso clínico foi escolhido para o presente trabalho porque as análises moleculares e molares já foram expostas à cliente e, segundo seu relato, foram compreendidas e validadas por ela.

A seguir, o caso e as análises moleculares serão apresentadas.

Rita (nome fictício) já havia passado por sessões de acompanhamento, as quais foram conduzidas por uma terapeuta de um programa universitário e foi encaminhada ao grupo de estágio pelo mesmo programa. Inicialmente, foram realizadas sete sessões de intervenção de um protocolo de Ativação Comportamental³. Após o término dessa intervenção, foi iniciado o processo psicoterápico da TAC, conforme as etapas descritas por Costa (2002): avaliação, devolução e intervenção.

Rita tinha 22 anos e cursava a graduação do curso de Física. Aos 8 anos, viu seus pais se separarem devido a uma relação extraconjugal que seu pai tinha. O pai de Rita era alvo de comentários por parte de sua família, mais especificamente dos tios e avós, os quais diziam

³ Adaptação do protocolo de Ativação Comportamental desenvolvido por Costa (2019).

que ele não prestava e que não cuidava bem de Rita. Consequentemente, ela optou por se distanciar deles. A notícia do divórcio logo virou assunto de “fofoca” dos moradores da cidade em que vivia, tais como vizinhos e colegas da escola. Assim como os membros de sua família, os vizinhos teciam comentários negativos a respeito do pai e, no que diz respeito ao ambiente escolar, Rita era alvo de *bullying* devido à separação de seus pais. Entre os seus 8 e 9 anos, ela passou a agradar excessivamente as outras pessoas, por exemplo, rindo de ofensas e fazendo favores mesmo quando não podia.

É importante ressaltar que a família funcionou como antimodelo para Rita, isto é, todas as conexões sociais a serem estabelecidas deveriam ser diferentes daquela que havia entre seus pais: uma relação finita. Rita também tinha alto grau de exigência para com os relacionamentos que cultivava. Para ela, as pessoas com quem se relacionava não poderiam abandoná-la e deveriam ser iguais a ela: dispostas a ajudar independentemente das adversidades, boas ouvintes e, segundo ela, “boas pessoas”. O que se traduz numa exigência elevada para com relacionamentos, também revelava uma dificuldade acentuada em confiar nas pessoas; destarte, Rita evitava falar de si e demonstrar o que sentia. Ela também evitava entrar em contato com os próprios sentimentos e, quando o fazia, ela ria ou ruminava.

As análises moleculares selecionadas foram aquelas referentes aos comportamentos-problema consideradas relevantes para a compreensão e intervenção do caso e foram elaboradas incluindo antecedentes (com suas respectivas funções), respostas, consequências e processos envolvidos (reforço, punição e/ou extinção), conforme Costa e Leonardi (2020). Essas análises, assim como a análise molar, foram apresentadas à cliente na sessão de devolução, a qual ocorreu após três sessões de avaliação.

Tabela 1 – Análise molecular da resposta de omitir a própria opinião

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
<p>Autorregra: “Se eu disser o que penso, a pessoa ficará chateada” (OM)</p> <p>Autorregra: “Não posso desapontar as pessoas” (OM)</p> <p>Pessoa pedindo a opinião (Sd)</p>	Omitir a própria opinião	<p>Submissão à situação desagradável (P+)</p> <p>Aprovação da pessoa (R+)</p> <p>Esquiva de chatear e desapontar pessoas (R-)</p>	Fortalecimento do padrão de passividade

Tabela 2 – Análise molecular da resposta de omitir informações acerca de si

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
<p>Pessoa (Sd)</p> <p>Autorregra: “Devo omitir informações a meu respeito, pois é apenas uma colega” (OM)</p> <p>Autorregra: “Se eu me abrir com essa pessoa, ela usará o que sabe de mim como uma arma” (OM)</p>	Omitir informações acerca de si	<p>Esquiva de demonstrar o que sente (R-)</p> <p>Esquiva de falar de si (R-)</p>	Construção de relações insatisfatórias ou perda de relações significativas

Tabela 3 – Análise molecular da resposta de fazer amizade (conversar, fazer piadas)

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
<p><i>Bullies</i> (Sd)</p> <p>Autorregra: “Se eu me tornar amigo dos <i>bullies</i>, eles não farão mais <i>bullying</i> comigo” (OM)</p> <p>Autorregra: “Eu sou uma boa pessoa, portanto devo ser amigável” (Alt. Fun.)</p>	Fazer amizade (conversar, fazer piadas)	<p>Aproximação dos <i>bullies</i> (R+)</p> <p><i>Bullying</i> continua (P+)</p>	Ofensas serão mais intensas se forem reforçadas com amizade

Tabela 4 – Análise molecular da resposta de ficar calada e rir

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
<p>Pessoa sendo ofensiva (Sd)</p> <p>Autorregra: “Preciso mostrar que sou forte”</p>	<p>Ficar calada</p> <p>Rir</p>	<p>Esquiva de mostrar o que sente (R-)</p> <p>Esquiva de ser ofendida (R-)</p> <p>Pessoa continua sendo</p>	<p>Ofensas serão mais frequentes</p> <p>Problemas nos relacionamentos</p> <p>Fortalecimento</p>

(OM) Autorregra: “Se eu mostrar que estou magoada, a pessoa irá usar isso contra mim ou irá me ofender em futuras ocasiões” (OM)		ofensiva (P+)	do padrão de passividade
---	--	---------------	--------------------------

Tabela 5 – Análise molecular da resposta de rir ao contar uma história triste

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
Terapeuta fazendo perguntas pessoais (Sd) Autorregra: “Preciso rir, caso contrário irei chorar” (OM)	Rir ao contar uma história triste	Esquiva de choro (R-) Risada/sorriso do terapeuta (R+)	Terapeuta não entenderá a magnitude do sofrimento

Tabela 6 – Análise molecular da resposta de ruminar

Estímulos Antecedentes	Resposta	Estímulos Consequentes	Consequências à longo prazo
Sentimentos aversivos (OM)	Ruminar	Fuga de contato com sentimentos aversivos (R-)	Baixa tolerância a sentimentos aversivos

2.3 Procedimento

O trabalho foi elaborado seguindo 5 etapas:

- Etapa 1: Levantamento de materiais sobre análise molar na TAC. Partindo dos descritores, a busca foi realizada no Scielo e no Google Acadêmico. No Scielo, a pesquisa foi feita da seguinte maneira: o descritor “análise molar” foi colocado no campo de pesquisa e, em seguida, um novo campo foi adicionado, no qual foi incluído um segundo descritor e utilizando o recurso “and”. No Google Acadêmico, a opção de “pesquisar páginas em português” foi selecionada para que os resultados fossem apenas da literatura brasileira. Nesta ferramenta, foi inserido no campo de pesquisa

uma combinação do descritor “análise molar” com um dos outros descritores, também utilizando o “and”.

- Etapa 2: Leitura e descrição dos aspectos identificados na literatura sobre análise molar. A fim de identificar o que se buscava e a consequente organização dos dados, as obras selecionadas foram fichadas;
- Etapa 3: Descrição dos elementos que compõem a análise molar e do passo a passo da construção dessa análise a partir dos aspectos selecionados da história de vida e das análises moleculares elaboradas, considerando o caso clínico. O modelo de análise molar a ser apresentado vem sendo aprimorado pela orientadora, que também é supervisora do estágio supracitado;
- Etapa 4: Submissão das instruções de elaboração da análise molar (descrição dos elementos e passo a passo) a seis juízas convidadas pela orientadora, em função afinidade com a Análise do Comportamento. As juízas foram três discentes da disciplina Teorias e Técnicas Psicoterápicas em Análise do Comportamento (sem treino prévio em análise molar) e três estagiárias de clínica analítico-comportamental (previamente treinadas em análise molar). O processo de avaliação das juízas utilizou uma tabela como recurso, na qual continham duas colunas: uma para as instruções – que serão descritas posteriormente – e outra para marcar com um “X” se havia entendido totalmente, parcialmente ou nada. Caso uma das duas últimas opções fosse selecionada, deveria ser sugerido como a instrução em questão poderia ser aprimorada. Ao fim da avaliação, cada juíza deveria construir sua própria análise molar a partir do passo a passo fornecido;
- Etapa 5: Após a leitura das contribuições das juízas, assim como da observação das análises elaboradas, as instruções do passo a passo foram aprimoradas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e a discussão, apresentados a seguir, serão descritos de acordo com as etapas do procedimento e buscando, quando possível, promover um diálogo entre as produções selecionadas, apontando semelhanças e diferenças. Acerca dos aspectos identificados na literatura, primeiro, serão apresentados aspectos teóricos envolvidos na análise molar e, em seguida, os elementos, as orientações do passo a passo, finalizando com a análise elaborada a partir do caso clínico.

3.1 A análise molar na TAC

No que se refere ao levantamento realizado, as buscas no Scielo não retornaram resultados. Já no Google Acadêmico, a pesquisa retornou 53 resultados, sendo que somente 14 destes cumpriram os requisitos definidos.

Para Perossi (2019), a análise molar é importante ao analista do comportamento, uma vez que evidencia interdependência entre comportamentos. Silva (2021) mencionou que a análise molar e a análise molecular se relacionam entre si, uma vez que os repertórios atuais e as variáveis mantenedoras são integradas a fatores históricos que contribuíram para a instalação de padrões comportamentais. A autora também corroborou a afirmação de Gimenes (2016) acerca da complementaridade entre a análise molecular e a análise molar.

Toscano, Macchione e Leonardi (2019) mencionaram a análise molar enquanto um dos níveis de especificidade das relações funcionais, sendo a análise molecular o outro nível. Oliveira, A. (2021) apontou algo semelhante, acrescentando que a análise molecular é uma unidade de análise de tratamento particular, enquanto a análise molar é ampla. Além disso, a autora ressaltou que a análise molecular é fundamento para a análise molar e que utilizá-la pode orientar o cliente a lidar com dificuldades após o término do tratamento.

Guimarães (2018) salientou que a análise molar permite a compreensão do comportamento no contexto, enquanto a análise molecular aborda somente um comportamento em situações específicas. Para ele, uma investigação ampla que evidencie contingências atuais e históricas impede que a análise de comportamentos alvo do processo psicoterápico seja limitada e possibilita que os objetivos terapêuticos sejam estabelecidos. De forma semelhante, Oliveira, A. (2021) ressalta que os objetivos terapêuticos e as intervenções são planejados de acordo com a visão ampla do caso, a qual é possibilitada pela análise molar.

Sendo a Análise do Comportamento uma ciência contextualista e, considerando que o contexto a ser analisado não é somente situacional, Kanamota *et al.* (2019) defenderam que é imprescindível ao terapeuta que dê atenção à perspectiva molar do caso, além da molecular. Assim, salientaram que a compreensão macro evita que o terapeuta fique sob controle somente de questões mais situacionais, ou seja, aquelas que são trazidas semanalmente pelo cliente.

Calixto (2017) abordou a análise molar a partir da compreensão de autocontrole – escolha que está sob controle de consequências reforçadoras atrasadas. Para a autora, essa definição adota uma compreensão molar por incluir consequências atrasadas. Paula *et al.*

(2018) destacaram que uma perspectiva molar contempla variáveis de níveis filogenéticos, ontogenéticos e culturais. De acordo com os autores, esses fazem parte da história passada.

Oliveira, B. (2017) apresentou análises de um caso clínico tendo os pressupostos (já explicitados no presente trabalho) da TMA como base, ou seja, incluiu como elementos: padrões comportamentais, comportamentos que os caracterizam, história de aquisição, contextos atuais mantenedores, consequências que favorecem e que enfraquecem os padrões. Em outro trabalho sobre análise molar, Oliveira, A. (2021) incluiu esses mesmos elementos, com exceção dos últimos dois itens (consequências que favorecem e enfraquecem o padrão), substituindo-os por quando os padrões comportamentais de interesse são úteis e quando não o são. A autora destacou que uma compreensão ampla do caso precisa de uma investigação molar – ou de uma macroanálise realizada através da análise da construção de padrões comportamentais – e Silva (2021) defendeu que as consequências que fortalecem ou enfraquecem o padrão comportamental são elementos importantes em uma análise molar, visto que explicitam consequências atuais que beneficiam e/ou trazem desvantagens para a manutenção do padrão. Diferentemente, Castro (2017), com o apoio de um caso clínico, elaborou uma análise molar de comportamentos que caracterizam a baixa autoestima inserindo como elementos: comportamentos específicos (e não padrões), histórico de aquisição, consequências que mantêm e as consequências aversivas dos respectivos comportamentos.

Acerca da elaboração da análise molar, Oliveira, A. (2021) indicou que ela associa repertórios comportamentais atuais e suas variáveis mantenedoras a fatos históricos que contribuíram para a instalação dos padrões comportamentais de interesse. Guimarães (2018), partindo de um caso clínico sobre agressividade, construiu a análise molar deste padrão da mesma forma que Oliveira, B. (2017) e Oliveira, A. (2021).

Silva (2017) fez a análise de fenômenos clínicos presentes no filme “Apenas uma Chance” e, assim como Oliveira, B. (2017), utilizando preceitos da TMA para analisar padrões comportamentais de forma molar. Para Silva (2017), o papel do terapeuta da TMA seria o de facilitar a discriminação de estímulos, explorando aspectos da história de vida que mostram como os padrões comportamentais de interesse se desenvolveram e em que contextos são efetivos e prejudiciais.

Neves Filho *et al.* (2018) defenderam que conceitos como repertório comportamental e história de aprendizagem denunciam a presença da perspectiva molar na Análise do

Comportamento. Esses conceitos foram observados na literatura selecionada, provavelmente, como sinônimos de padrões comportamentais e história de aquisição, respectivamente. Por conseguinte, é possível afirmar que a observação dos autores tem sido compartilhada por terapeutas analítico-comportamentais nos últimos cinco anos. Apesar da perspectiva molar ter sido observada na literatura, pode-se afirmar que a análise molar enquanto uma ferramenta de análise na clínica tem sido pouco descrita.

Em sua tese, Leonardi (2016) apontou que, apesar de essencial ao analista do comportamento, a análise de contingências (tanto molecular quanto molar) tem recebido pouca atenção da literatura brasileira, o que foi corroborado por essa pesquisa, uma vez que foram encontradas apenas 14 referências que abordaram a análise molar na clínica comportamental brasileira. Além disso, a análise molar foi apenas um aspecto mencionado nos materiais analisados e não o foco destes. Não obstante, os autores fizeram questão de sublinhar a importância desse tipo de análise para o analista do comportamento. Acerca da elaboração propriamente dita da análise molar, parte da literatura analisada (Castro, 2017; Guimarães, 2018; Silva, 2017; Oliveira, B. 2017; Oliveira, A. 2021) se fundamentou nos preceitos de Marçal (2005), com pequenas variações.

Por fim, foi possível observar que a análise molar foi abordada na literatura de maneiras variadas nos últimos cinco anos, não havendo um consenso acerca de como fazê-la, tampouco acerca do que seria uma perspectiva molar do comportamento: aquela que analisa padrões estendidos, conforme Baum (2004), ou aquela que além de incluir padrões comportamentais, deve incluir eventos históricos que favoreceram o padrão comportamental de interesse, suas condições atuais mantenedoras, contextos em que ocorrem, quando é funcional e quando não é funcional, conforme propôs Marçal (2005).

3.2 Análise molar: elementos e passo a passo

Antes de apresentar os elementos e o passo a passo para elaborar análise molar, cabe apontar em quais aspectos as juízas sugeriram alteração, a saber: evento ambiental da história passada (quatro juízas); estabelecimento de relações entre eventos ambientais e padrões comportamentais (duas juízas); eventos ambientais verbais, previamente denominado “outros eventos ambientais” (uma juíza).

3.2.1 Elementos a serem inseridos:

- Evento ambiental da história passada: esse elemento consiste no evento ambiental (não verbal) da história de vida ou do(s) contexto(s) que deu(ram) origem aos padrões comportamentais de interesse, diferenciando-se do evento ambiental situacional que está presente na análise molecular. A quantidade de eventos históricos a serem incluídos varia de acordo com cada caso, podendo haver um ou mais. Além disso, os eventos ambientais podem ou não estar relacionados entre si. Em alguns casos, é possível estabelecer uma relação em que um evento ambiental da história passada produziu outro.
- Eventos ambientais verbais (opcional): é possível integrar eventos ambientais verbais (regras e autorregras) à análise molar. Como não se trata de um contexto originador, não deve ser inserido no campo de evento ambiental da história passada.
- Padrões comportamentais: os comportamentos-problema são identificados através das análises moleculares e, além de estarem relacionados aos eventos ambientais da história passada e eventos ambientais verbais, podem estar relacionados entre si.
- Setas: a relação entre os elementos da análise molar deverá ser evidenciada por setas, sejam essas unidirecionais ou bidirecionais. As setas unidirecionais indicam uma relação em que um evento produz outro; já as setas bidirecionais indicam uma relação cíclica entre eventos, ou seja, uma relação em que um evento *a* afeta um evento *b* e, ao mesmo tempo, o evento *b* afeta o *a*. É importante que as setas não se cruzem; caso contrário, a poluição visual pode comprometer a compreensão da análise.
- Formas e cores: ao incluir os elementos na análise molar, recomenda-se diferenciá-los com cores e/ou formas diferentes (círculos, quadrados, entre outros), a fim de que a análise, em sua totalidade, possa ser compreendida sem muito esforço por parte do cliente e do próprio terapeuta. Entretanto o terapeuta, se assim preferir, pode adotar somente uma forma para representar todos os itens.

3.2.2 Passo a passo da elaboração da análise molar

Passo 1: Definição do *layout*. A análise molar deve ser representada em forma de diagrama e, no que tange à estética, não há maneira correta de construí-la. O terapeuta, primeiramente, deve definir o *layout*, que pode variar de acordo com a preferência de cada

terapeuta, o qual pode optar por uma análise molar vertical, horizontal, entre outras possibilidades.

Passo 2: Identificação do evento ambiental da história passada. O primeiro item a ser disposto na figura da análise molar é o evento ambiental da história passada, ou seja, o(s) contexto(s) que deu(ram) origem aos padrões comportamentais. Para isso, o terapeuta deve investigar quais aspectos da história de vida do cliente se relacionam com os padrões comportamentais de interesse. No caso clínico apresentado, os contextos identificados foram dois: família (divórcio dos pais) e *bullying* + “fofocas”. É possível estabelecer uma relação entre esses eventos ambientais da história passada e, portanto, essa relação deve ser evidenciada com uma seta.

Passo 3: Estabelecimento de relações entre eventos ambientais (da história passada e eventos ambientais verbais) e padrões comportamentais. Após a identificação dos eventos ambientais, estes deverão ser ligados aos demais elementos (eventos ambientais verbais e padrões comportamentais) através de setas, indicando, por exemplo, que um determinado contexto produziu um padrão comportamental. Os padrões comportamentais, de acordo com as análises moleculares, foram: passividade, evitar demonstrar o que sente, evitar falar de si, evitar entrar em contato com os sentimentos, e ruminar e dar risadas como estratégias que amenizam os sentimentos que eram aversivos para ela. O autor do presente trabalho não integrou eventos ambientais verbais à sua análise molar, mas a maioria das juízas incluíram autorregras como “se eu me abrir com essa pessoa, ela usará o que sabe contra mim” e “se eu me tornar amiga dos *bullies*, eles não farão mais *bullying* comigo”.

É importante destacar que os padrões comportamentais e os eventos ambientais são elementos diferentes, portanto não devem ser agrupados num mesmo item. No que diz respeito a qual dos elementos deve ser inserido primeiro, a preferência é para os eventos ambientais.

Os padrões comportamentais que são problema devem ser diferenciados dos demais através de recursos como cores e/ou formas, para que fique evidente o que deve ser trabalho em terapia. A seguir, encontra-se uma demonstração da relação entre os elementos supracitados.



Figura 1 – Demonstração de relação entre elementos

É recomendado resumir o conteúdo dos elementos a serem incluídos na análise para que a poluição visual não comprometa a compreensão. A seguir, encontra-se a análise molar elaborada de acordo com as instruções anteriores.

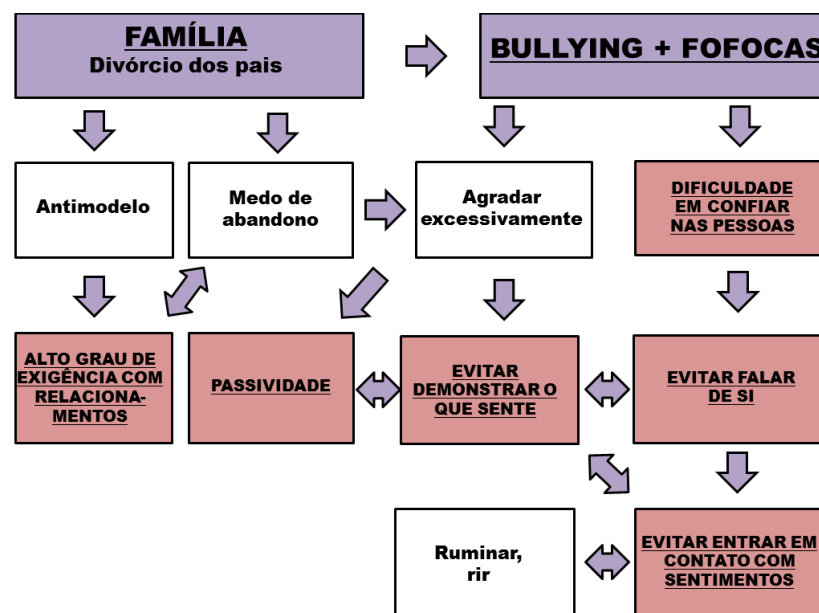


Figura 2 – Análise molar vertical

Considerando que o *layout* da análise molar depende da preferência do terapeuta, a seguir encontra-se a mesma análise molar disposta horizontalmente.

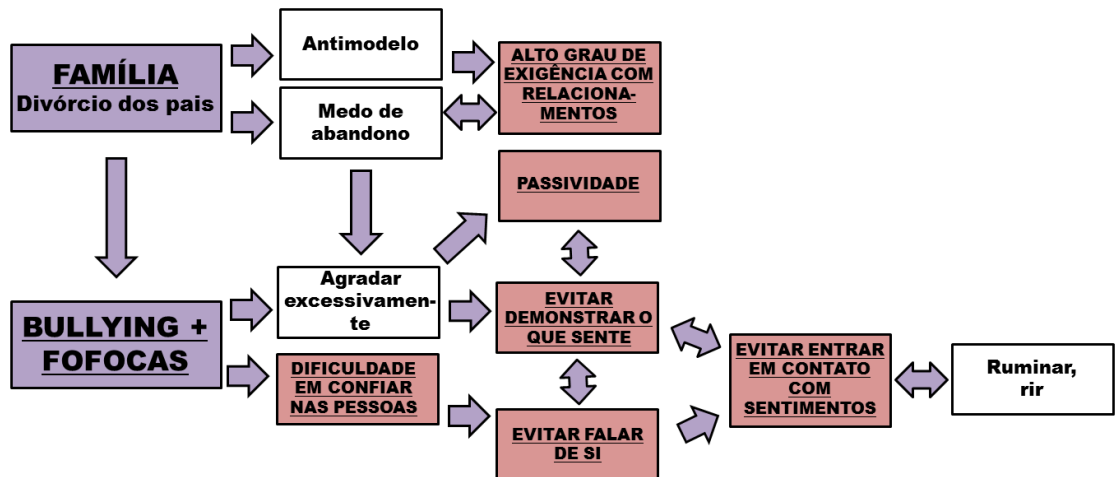


Figura 3 – Análise molar horizontal

A figura 3 consiste em uma das análises molares elaboradas por uma das juízas.

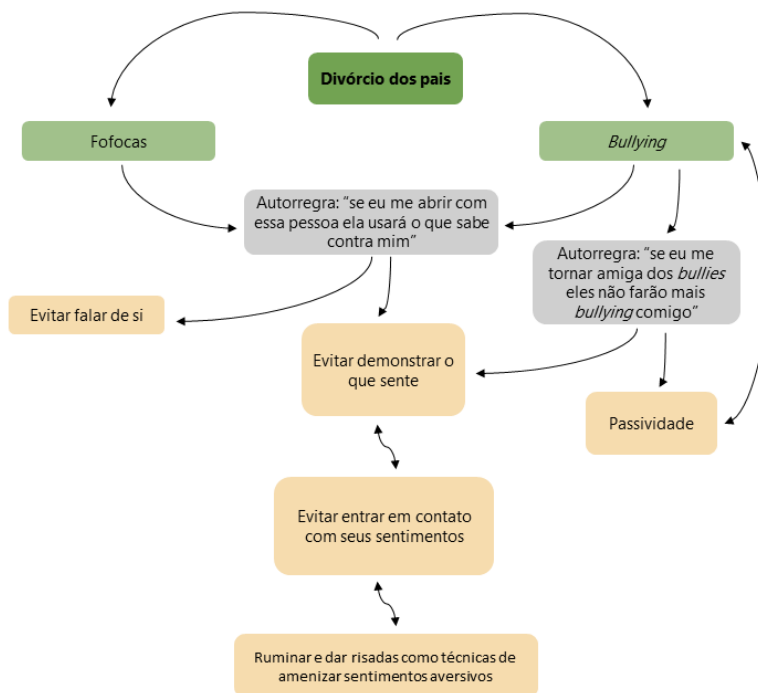


Figura 4 – Análise molar elaborada por uma das juízas

É importante salientar que apesar de ser diferente das análises molares realizadas pelo autor, os aspectos fundamentais do caso estão presentes na análise.

A análise molar exibida, em conformidade com Gimenes (2016), Silva (2021) e Oliveira, A. (2021), foi elaborada tendo as análises moleculares como fundamento, o que

evidencia a complementaridade entre esses dois tipos de análises. Além disso, está de acordo com o que fora apontado por Perossi (2019), visto que evidencia a interdependência entre comportamentos relevantes, e com Kanamota *et al.* (2019) já que possibilita ao terapeuta um olhar ampliado sobre o caso e, assim, aspectos da história de vida são tão valorizados quanto situações cotidianas atuais.

Os objetivos terapêuticos para o caso atendido foram definidos de acordo com a análise molar elaborada pelo autor, conforme ressaltaram Guimarães (2018) e Oliveira, A. (2021). A título de ilustração, os objetivos traçados foram desenvolver assertividade, comunicar sentimentos, melhorar relações existentes e estabelecer novas conexões, aceitar sentimentos aversivos como naturais e fundamentais da vida.

Diferentemente de Castro (2017), Oliveira, B. (2017), Silva (2017), Guimarães (2018), Oliveira, A. (2021), que seguem as orientações de Marçal (2005), o modelo apresentado não abarca comportamentos que caracterizam os padrões comportamentais (contemplados nas análises moleculares), contextos atuais mantenedores, consequências que favorecem e que enfraquecem os padrões, além de quando são úteis ou não. No que se refere à história de aquisição, é possível observá-la na análise do presente trabalho com o uso das setas que estabelecem relações entre eventos ambientais e padrões comportamentais.

Por fim, a análise molar construída em forma de diagrama contribui para que terapeuta e cliente visualizem de forma clara os padrões comportamentais problemas (que serão alvo de intervenção) e sua provável origem em eventos importantes na história de vida do cliente, explicitando-se as conexões entre os elementos. Ademais, essa representação esquemática permite ao leitor que relembre aspectos fundamentais de maneira fácil e rápida em comparação a representações textuais, agrupando informações de maneira simples e dinâmica

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não obstante o comprometimento da Análise do Comportamento Aplicada para com seu suporte empírico, o movimento em prol da sistematização da TAC carece de mais consistência (LEONARDI; MEYER, 2016; LEONARDI, 2016). Pode-se afirmar que a TAC, apesar dos esforços da REDETAC, ainda tem estudos insuficientes acerca de sua eficácia, o que implica na impossibilidade de descrever as especificidades – ou identidade – desse modelo psicoterápico (ALVES; COSTA, 2022; cf. LEONARDI; MEYER, 2016). De acordo com Leonardi (2017, p. 220), “[...] as evidências de eficácia de determinados procedimentos em detrimento de outros deveriam ser soberanas”, porém a produção de evidências requer,

como elementar, a fundação consistente da identidade do modelo psicoterápico, o que por sua vez, necessita da descrição metódica de seus parâmetros de intervenção.

O presente trabalho é uma das produções da REDETAC que almejam contribuir para com o processo de construção da identidade da TAC, apresentando uma maneira alternativa de elaborar análise molar à comunidade clínica e acadêmica, visto que a análise molecular não permite visualizar a história do indivíduo, uma vez que explica somente as relações entre as variáveis ambientais e a resposta (cf. MEYER, 2003). Destarte, as análises molares também seriam úteis ao terapeuta analítico-comportamental (cf. NERY; FONSECA, 2018).

Como limitações deste trabalho, apontam-se o levantamento da literatura ter se restringido aos últimos 5 anos, o que pode ter deixado de fora referências relevantes aos objetivos propostos, assim como ter definido que os descritores poderiam estar em qualquer parte do material. Como trabalhos futuros, sugere-se incluir nos descritores “formulação de caso”, realizar um levantamento, na literatura da clínica analítico-comportamental internacional, buscando orientações claras sobre como elaborar análise molar, e discutir a análise molar à luz do modelo de seleção por consequências, explorando a contribuição de Filho *et al.* (2018) acerca da árvore comportamental.

Considerando que a análise molar não tem sido tópico de interesse entre terapeutas analítico-comportamentais, espera-se que o modelo ensinado neste trabalho possa ajudar a preencher essa lacuna, contribuindo tanto para a formação de terapeutas, quanto para aprimorar habilidades de iniciantes e aqueles que possuem experiência acumulada na clínica analítico-comportamental.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Thallyssa; COSTA, Nazaré. Um estudo exploratório sobre a prática de terapeutas analítico- comportamentais. In: TEIXEIRA, Catarina Malcher *et al* (org.). **30 Anos do curso de Psicologia da UFMA: contando e fazendo história**. São Luís: Edufma, 2022. Cap. 17. p. 313-338.
- BAUM, William M. From molecular to molar: a paradigm shift in behavior analysis. **Journal Of The Experimental Analysis Of Behavior**, [S. L], v. 78, n. 1, p. 95-116, jul. 2002.
- BAUM, William M. Molar and molecular views of choice. **Behavioural Processes**, [S. L], v. 66, p. 349-359, jul. 2004.
- BERNARDO, Luana de Andrade. **Um Estudo de Caso da Relação entre o Déficit de Habilidades Sociais e o Transtorno de Ansiedade na Visão da Análise do Comportamento**. 2015. 53 f. Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2015. Disponível em: https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia_Aluna_Luana-de-Andrade-Bernardo.pdf. Acesso em: 03 ago. 2022.
- CALIXTO, Fernanda Castanho. **Os Efeitos da Exposição Gradual à Consequência e da Oportunidade de Escolha entre Eventos de Diferentes Valores Reforçadores sobre Escolhas de Autocontrole**. 2017. 104 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9424/TeseFCC.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jul. 2022
- CASTRO, Neusa Maria de. **“O meu objetivo de vida é agradar os outros”**: u m caso de baixa autoestima na perspectiva da análise comportamental clínica. 2017. 70 f. Monografia

(Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2017. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Neusa-Castro-monografia.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022

COSTA, Silvana Elisa Gonçalves de Campos; MARINHO, Maria Luiza. Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 43-54, 2002.

COSTA, Nazaré. **Activación conductual para el trastorno depresivo mayor**: comparación entre protocolos con y sin mindfulness. 2019. 96 f. Tese (Pós-doutorado) - Curso de Investigación En Atención Primaria de Aragón, Instituto de Investigación Sanitaria Aragón, Zaragoza, 2019 (não publicado).

COSTA, Nazaré. O surgimento de diferentes denominações para a Terapia Comportamental no Brasil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. L], v. 13, n. 2, p. 46-57, jan. 2011.

COSTA, Nazaré. **Terapia analítico-comportamental**: dos fundamentos filosóficos à relação com o modelo cognitivista. Londrina: Esetec, 2002

COSTA, Nazaré; LEONARDI, Jan Luiz. Elaboração da análise funcional na Terapia Comportamental. In: R. Gorayeb, M. C. Miyazaki, & M. Teodoro (Orgs.), **Programa de atualização em psicologia clínica e da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2020. p. 49-72.

FONSECA, Flávia Nunes. **“Eu sou o cara”**: Análise Comportamental do Relato de um **Mentiroso**. 2012. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2012. Disponível em: https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Flavia_Fonseca.pdf. Acesso em: 03 ago. 2022.

GIMENES, Lincoln da Silva. A análise do comportamento necessita de um choque de behaviorismo. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 6-7, set. 2016.

GUIMARÃES, Márcio Dias. **Comportamentos agressivos selecionados em contextos familiares**: um caso clínico sob a perspectiva analítico comportamental. 2018. 81 f.

Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2018. Disponível em:

<https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Monografia-Completa-Vers%C3%A3o-para-Impress%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022

KANAMOTA, Priscila Ferreira de Carvalho *et al.* O conceito de responsividade na Terapia Analítico Comportamental e suas implicações para a pesquisa de processo-resultado. **Revista Perspectivas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 114-128, out. 2019. Disponível em:

<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/580/308>. Acesso em: 20 jun. 2022.

LAZZERI, Filipe. Observações sobre o behaviorismo teleológico: parte I. **Acta Comportalia**, Guadalajara, v. 21, n. 2, p. 241-258, 2013.

LEONARDI, Jan Luiz. O lugar da terapia analítico-comportamental no cenário internacional das terapias comportamentais: um panorama histórico. **Perspectivas**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 119-131, jan. 2015.

LEONARDI, Jan Luiz. **Prática baseada em evidências em psicologia e a eficácia da análise do comportamento clínica**. 2016. 199 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LEONARDI, Jan Luiz; MEYER, Sonia Beatriz. Evidências de eficácia e o excesso de confiança translacional da análise do comportamento clínica. **Temas em Psicologia**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 1465-1477, 2016. Associação Brasileira de Psicologia.

LEONARDI, Jan Luiz. Reflexões sobre a terapia analítico-comportamental no contexto da prática baseada em evidências e possibilidades de atuação em análise do comportamento clínica. **Acta Comportamentalia**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 215-230, jan. 2017.

MARÇAL, João Vicente de Sousa. Refazendo a história de vida: quando as contingências passadas sinalizam a forma de intervenção clínica atual. In: GUILHARDI, Hélio José; AGUIRRE, Noreen Campbell de (Orgs.), **Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade**. Santo André: ESETec, 2005, Cap. 24, p. 258-273. Volume 15.

MEYER, Deise de Sousa Timo. **A Autoestima na Perspectiva da Análise do Comportamento**. 2011. 61 f. Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2011. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Deise-Meyer.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

MEYER, Sônia Beatriz. O conceito de análise funcional. In: DELITTI, Maly (org.). **Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental**. São Paulo: Arbytes, 1997. Cap. 5. p. 31-36. Volume 2.

MEYER, Sonia. Análise funcional do comportamento. In: COSTA, Carlos Eduardo; LUZIA, Josiane Cecília; SANT'ANNA, Heloísa Helena Nunes (Orgs.). **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**. Santo André: Esetec: Editores Associados, 2003. p. 75-91.

MEYER, Sônia Beatriz; PRETTE, Giovana del; ZAMIGNANI, Denis Roberto; BANACO, Roberto Alves; NENO, Simone; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Análise do comportamento e terapia analítico-comportamental. In: TOURINHO, Emmanuel Zagury; LUNA, Sergio

Vasconcelos de (org.). **Análise do comportamento**: investigações históricas, conceituais e aplicadas. São Paulo: Roca, 2010. Cap. 7. p. 153-174

NERY, Lorena Bezerra; FONSECA, Flávia Nunes. Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo. In: DE-FARIAS, Ana Karina C.R.; FONSECA, Flávia Nunes; NERY, Lorena Bezerra (Orgs.). **Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2018. Cap. 1. p. 22-54.

NEVES FILHO, Hernando Borges *et al.* Uma proposta conceitual para o estudo comportamental do desenvolvimento e criatividade individual: a árvore de comportamentos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 350-371, 30 set. 2019. Disponível em: <https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1341/678>. Acesso em: 06 jul. 2022.

OLIVEIRA, Aline Ferreira de. **A influência do acompanhamento psicológico de base analítico comportamental na manutenção do peso-meta em pessoas que passam pela cirurgia bariátrica**. 2021. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São Luís, 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/jspui/bitstream/areas/470/1/ALINE%20FERREIRA%20DE%20OLIVEIRA%20%281%29.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, Bianca de Franco de. **Autoconhecimento**: contribuições para o repertório comportamental. 2017. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2017. Disponível em: https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Bianca-Franco_Monografia_FINAL.pdf. Acesso em: 06 jul. 2022.

PAULA, Leticia Nunes de *et al.* Influência de variáveis contextuais verbais e não verbais no comportamento verbal de escrita. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e**

Cognitiva, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 40-52, 4 set. 2018. Disponível em:

<https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1181/590>. Acesso em: 06 jul. 2022

PEROSSI, Gabriela Rizzo. **Dimensões sociais da psicopatologia**: um estudo sobre a influência de práticas culturais. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho –

Campus de Bauru/Sp, Bauru, 2019. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181740/perossi_gr_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 jun. 2022.

RACHLIN, Howard. About Teleological Behaviorism. **The Behavior Analyst**, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 209-222, out. 2013.

SILVA, Karlos Magno Sousa. **Perspectiva Analítico-comportamental sobre o filme**

"Apenas uma chance": uma visão clínica. 2017. 64 f. Monografia (Especialização) - Curso de Análise Comportamental Clínica, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento,

Brasília, 2017. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Karlos-Magno-Sousa-Silva.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022

SILVA, Suê Elizabeth Cardoso da. **Um olhar analítico comportamental sobre a cultura do cancelamento nas interações online**: uma análise a partir do big brother brasil 21. 2021. 47

f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São Luís, 2021. Disponível em:

<http://repositorio.undb.edu.br/bitstream/areas/471/1/SUE%20ELIZABETH%20CARDOSO%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. Cap. 2. p. 31-42. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SIMONASSI, Lorismario Ernesto; CARDOSO, João Lucas Bernardy; SANTOS, Antônio Carlos Godinho dos. Porque a análise de Baum (2012): “Rethinking reinforcement: allocation, induction and contingency” é importante. **Revista Perspectivas**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 142-150, 2012.

SKINNER, B.F. Por que os organismos se comportam. In: SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1953/2003. Cap. 3. p. 24-45.

SKINNER, B.F. Discriminação operante. In: SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1953/2003. Cap. 7. p. 118-141.

TOSCANO, Maíra Pereira; MACCHIONE, Ana Carolina; LEONARDI, Jan Luiz. O uso da análise funcional na literatura brasileira de terapia comportamental: uma revisão teórico-conceitual. **Revista Perspectivas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 98-113, 2019. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/579/307>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ULIAN, Ana Lúcia Alcântara de Oliveira. **Uma sistematização da prática do terapeuta analítico-comportamental: subsídios para a formação**. 2007. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.